

Introdução

O ensino da Língua Portuguesa passou por muitas mudanças nas últimas décadas, como por exemplo, em relação aos estudos e análises de textos literários. Fragmentos textuais e frases isoladas de cânones literários deram lugar aos gêneros textuais que se apresentam através da vasta composição situacional. Essa diversidade de gêneros textuais está presente nos planos de aula direcionados pelos livros didáticos e pelas orientações contidas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), de acordo com a habilidade EF69LP07 que consiste em:

Produzir textos em diferentes gêneros, considerando a sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica [...].

Entretanto, as inúmeras possibilidades presentes nestes materiais não estabelecem um senso comum de metodologia em razão da realidade contextual dos estudantes.

Os livros didáticos não direcionam as atividades para os estudantes ribeirinhos do norte do Brasil e não contemplam autores regionais, o que permite a ideia de não pertencimento ou o sentimento de exclusão do processo de aprendizagem da língua materna. Isso faz com que a cultura originária seja, de certa forma, menosprezada e abre oportunidade de substituição de vocábulos sem ao menos entender a sua etimologia ou até mesmo a frustração de autores que se dispõem a escrever sobre o encantamento existente na floresta amazônica. Neste sentido, defende ideia do texto literário como instrumento facilitados da aprendizagem da Língua Portuguesa no ensino básico.

Assim acredita-se que o estudo da língua materna a partir das histórias orais construídas no imaginário amazônico pode contribuir para o resgate cultural dos estudantes nortistas, porque a transmissão de saberes faz parte da herança cultural do povo que habita a Floresta Amazônica. O trabalho com textos amazônicos surgiu da necessidade de desenvolver a maturidade crítica leitora privilegiando a realidade do habitat local dos alunos.

¹ Mestranda em Letras – PROFLETRAS pela Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA.

E-mail: rda40rodrigues@gmail.com

A BNCC e o ensino da Literatura no Ensino Básico

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada em dezembro de 2017. O Ministério da Educação esteve à frente das consultas à comunidade escolar durante a elaboração do documento, o qual define as aprendizagens essenciais que todo aluno deve desenvolver durante a educação básica, desenvolvido em conformidade com o plano Nacional de Educação (PNE). Ela deve estar pautada nos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação integral do indivíduo para uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

No último documento, as habilidades estão agrupadas em quatro diferentes práticas de linguagem: Leitura, Produção de Textos, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica. A diferença central refere-se à inserção da análise/linguística/ semiótica, mas para destacar a literatura no ensino fundamental destaca-se o eixo da oralidade que corresponde ao campo artístico sob código de identificação EF69LP53 (2008), p.161:

Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

A habilidade EF69LP53 refere-se a diferentes textos literários, mas destaca os gêneros “causos e contos” os quais estão presentes no neste estudo científico. Na perspectiva da Psicologia da Percepção os estímulos internos e externos ocorrem de modo sistemático através de três de modos perceptivos. O primeiro denomina-se *mínimo* por detectar a quantidade mínima de estímulo, porém não é percebida pelo ser humano; o *máximo*, o qual detecta quantidades de estímulos acima do que o homem é capaz de perceber e o *diferencial* definido por apresentar variação de estímulo, entre mínimo e o máximo, mas, apesar de haver variação física, as ondulações não são perceptíveis ao ouvido humano. (RODRIGUEZ, p. 135, 2006).

Nessa proposta o aluno é levado a experienciar a leitura literária por meio de atividades desvinculadas do padrão de rotina de trabalho, ou seja, reconstruindo as atividades de forma que se tornem mais criativas no intuito de transformá-las no conjunto de atribuições prazerosas e participativas, levando em consideração a privacidade do leitor em relação ao objeto literário porque é dever da escola propiciar esse tipo de atividade a fim de formar leitor protagonista e não “o leitor reproduzidor”, em consonância com o que aponta a autora.

Assim o ensino da literatura não corresponde apenas a elencar textos, autores, movimentos literários e classificá-los num determinado período. Sendo assim, a teoria literária precisa transformar o discente em um leitor crítico e consciente, tendo em vista o contexto sociocultural ao qual está inserido. Por isso, as abordagens devem priorizar a interação entre o texto e o leitor no contexto escolar, a fim de valorizar o papel dinâmico na recepção textual. Para tanto, a sintonia entre prática pedagógica e as contribuições da teoria literária podem auxiliar no trabalho com o texto literário.

Os espaços da leitura literária

O espaço de leitura precisa ser bem planejado e, mesmo sendo simples, pode ser identificado com uma música para receber os alunos, com a frase de um autor no quadro branco ou um gesto que possibilite a identificação do momento especial, diferente. Com isso, a sala de aula ganha mais do que um espaço de aprendizagem, pois se torna um lugar de interação e envolvimento com o texto a ser explorado. Usar da criatividade para sugerir ambientes de leitura literária fará da sala de aula um cenário único para as aulas de Língua Portuguesa, pois, como diz o poema de Azevedo (1998), “a leitura é muito mais do que decifrar palavras quem quiser parar para ver pode até se surpreender”.

Pesquisas respeitáveis sobre leitura foram feitas na década de 1980 (KATO, 1985; CAVALCANTI, 1989; KLEIMAN, 1982; 1989, LEFFA, 1989 in PEIXOTO et al, 2020, p. 55). O objetivo principal dessas pesquisas era, fundamentalmente, o leitor proficiente, procurando se conhecer como ele desenvolvia a habilidade leitora. O argumento basilar que fazia parte do juízo dos pesquisadores na Linguística Aplicada (LA) era a de que a leitura se estabelecia como um problema da linguagem em relação interativa com outras etapas cognitivas, assim, apreender um texto era um mote de significação na língua escrita, mas assentada também por aspectos cognitivos e por fatores da situação escolar. Também havia uma concordância entre o conceito de que a ciência das características dessa interação de fatores poderia cooperar para a resolução de problemas de leitura pertinentes à escola.

Posteriormente, surgiu o conceito de análise da interação verbal, que alcançou expressiva visibilidade nos estudos sobre leitura, suscitando um entendimento de que a leitura era muito complicada para ser estudada por apenas uma abordagem, então, a perspectiva de leitura como uma prática social alcançou mais visibilidade partindo dos estudos de letramento, influenciada pelas Teorias de Enunciação, pela Pragmática, pela Análise do Discurso e pela Sociolinguística Interacional, que passaram a integrar o campo na Linguística Aplicada. Peixoto (et al, 2020, p. 58) explicita que: “[...] a leitura é uma atividade complexa, que envolve vários aspectos, desde a decodificação de letras e fonemas à compreensão de um texto através de estratégias ou habilidades. Em vista disso, buscaremos apresentar as perspectivas de estudo da leitura”.

Santos (2016) refere-se aos espaços de leitura não somente como lugares distantes geograficamente, mas também como “ações de intervenção de caráter político, pedagógico e cultural”. Isso porque a leitura proporciona mais do que a decodificação das letras, ela faz o indivíduo pensar de forma crítica, tomando-o protagonista do meio social em que se está inserido. Assim a leitura é uma atividade mental e sensorial ao mesmo tempo e por esta razão não pode ser vista como uma atividade simples. Se há leitura, há oportunidade de transformação, haja vista que em algum momento o leitor vai se posicionar diante da sua realidade. Assim:

[...] nessa perspectiva, o ato de ler é visto como processo de decodificação de letras e sons e o texto é processado em sua linearidade, uma vez que a leitura não é um processo ativo em que o leitor busca e traz informações para o texto; na verdade, o que interessa é o simples reconhecimento das palavras e das ideias (FUZA, 2010, p. 12 in PEIXOTO et al).

A BNCC (2018) traz o eixo correspondente à leitura como um procedimento que compreende à aprendizagem da decodificação e compreensão de textos multimodais e, ainda, a assimilação de gêneros textuais que esclarecem a contextualização social, o que é essencial para compreendê-los. Mas os mesmos parâmetros que se voltam para as práticas sociais, não oferecem condições de acompanhar as transformações tecnológicas e a oportunização de uma didática voltada para as práticas leitoras que abranjam todos os níveis sociais, incluindo os espaços onde não há livros e nem materiais tecnológicos para auxiliarem na melhoria da prática das linguagens. Assim o ato da leitura, segundo Oliveira e Santos,

[...] não salva o homem das mazelas do mundo, o leitor não é alguém isento a erros, curioso ao extremo, que tem resposta para tudo. Entretanto, a leitura possibilita refletir, entender a sociedade, podendo a pessoa intervir e participar socialmente. Embora a oralidade seja uma marca da nossa cultura, a comunicação não está restrita a ela, através da escrita se cristaliza e possibilita que outras gerações acessem o conhecimento, a história, a política, de determinada época e sociedade. No entanto, para que se efetive o desenvolvimento completo – formação omnilateral

–, é imprescindível uma ordem justa, que garanta a equidade de direitos e uma educação que não seja privilégio de alguns, mas direito de todos. (2020, p.423).

Nesse contexto, é necessário apropriar-se das situações chamadas “errôneas” para recriar novas possibilidades de interação com os textos, mediar situações do cotidiano do aluno como, por exemplo, a vivência da argumentação por meio da criação de um júri simulado, o qual pode proporcionar a atitude de se colocar no lugar do outro, seja como réu ou como acusador, enfim proporcionar diferentes maneiras de inserir práticas de leitura de textos literários nas aulas de Língua Portuguesa.

As narrativas amazônicas como instrumento facilitador de aprendizagem

O ensino da língua abarca outras disciplinas como a história e a arte e exige dos docentes recursos didáticos multidisciplinares, assim como também elementos da arte, da sociologia, da antropologia para explorar a leitura literária na escola. Por essa razão, a troca de experiências forma cidadãos capazes de ler além do que está escrito. Por outro lado, ainda há valorização da quantidade de leitura, o que acaba sendo prioridade do ambiente escolar, pois os índices de produtividade são atrelados a processos externos de avaliação e de conduta docente.

Peixoto (2011) também expõe que a oralidade não só tem sido essencial para atender as necessidades que temos internalizada, de nos comunicarmos com as demais pessoas e sociedades em todas as atividades do nosso cotidiano, assim como também nos têm permitido externalizar o nosso mundo interior, as nossas emoções e nossos anseios, e para isso, têm-se utilizado a palavra com um valor estético, também artístico e lúdico. Assim:

Narrativas orais, mais do que o relato de um fato, onde aparecem personagens enigmáticos, seres que habitam lugares comuns como os rios e as matas, são narrativas da vida, como destaca Todorov¹ e são também histórias de vida. São tesouros semeados na mente de quem um dia as ouviu. São relatos, memória e poesia contados e cantados pelas vozes poéticas de homens e mulheres simples, pescadores, lavradores, seringueiros que, com a mesma habilidade com que tecem as malhadeiras, peneiras e tipitis, contam/tecem os causos que ouviram, que também presenciaram, e fazem questão de dizer “Aconteceu comigo!” e, por isso, deles são também personagens. (BARBOSA, 2011, p. 11).

Peixoto (ibid) também pontua que:

Numa corrente tecida ao longo de séculos, a experiência humana vem sendo intercambiada pela voz, de pessoa para pessoa, sem cair no esquecimento. Quando a oralidade é o único meio de comunicação, as narrativas orais são a maneira própria de essa sociedade transmitir seus valores e seus sentimentos aos mais jovens. Por meio dessas formas, tais como as lendas e os mitos, que se transmitiram/transmitem experiências, conceitos, e todo um conjunto de valores.

É inegável que o vasto universo dos saberes populares perpassa também pela oralidade, essa que é uma marca registrada da literatura dos povos amazônicos, permeada por suas lendas e mitos que viajam no tempo através das gerações dos povos ribeirinhos e dos povos da floresta, principalmente os indígenas, que com seus mitos cosmogônicos povoam o imaginário popular.

Considerações finais

Referências bibliográficas

AZEVEDO, José Carlos. **Fundamentos de gramática do Português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Barbosa, Joaquim Onésimo Ferreira. *Narrativas orais: performance e memória*. Manaus: UFAM, 2011. 143 f.; il. color. **Dissertação** (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas, 2011. Orientador: Prof. Dr. Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

OLIVEIRA, Luana Cardoso; SANTOS, Zair Henrique. **Leitura e formação: contribuições da biblioteca no Rio Arapiuns – Aldeia Nova Vista**. Muiiraquitã, UFAC, ISSN 2525-5924, v. 8, n. 1, p. 423 – 437, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br>.

PEIXOTO, Mayara Carvalho; ARAÚJO, Denise Lino. **O conceito de leitura na BNCC do Ensino Fundamental**. Leitura, Maceió, n. 67, set/dez. 2020 – ISSN 2317-9945. Dossiê Linguística Aplicada, p. 55-68. Disponível em: <file:///C:/Users/rda40/Downloads/10954-Texto%20do%20Artigo-42896-1-10-20201210.pdf>. Acesso em 12 de ago. de 2023.

RODRIGUEZ, ANGEL. **A dimensão sonora da linguagem audiovisual**. Traduzido por: Rosângela Dantas. Editora: Senac-São Paulo, 2006.

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade: Relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação – Unicamp. Campinas, 2016.

